

**QUEM NÃO TEM CÃO CAÇA COM GATO:
ESTRATÉGIAS DE BUSCA LEXICAL POR
TRADUTORES DE FRANCÊS**

- b) Siéntate en el banco.
- c) Ese chico es un pesado.
- d) ¿Tienes una hoja de papel?
- e) Vas a perder el autobús.

EJERCICIO 4: Palabras en inglés con más de un significado.

A veces una palabra en inglés tiene más de un equivalente español. Traduce las frases utilizando tu diccionario para buscar las palabras subrayadas. Lee toda la entrada para elegir el significado adecuado que de sentido a la frase. La información que viene entre parentesis te ayudará.

- a) It's sunny today. Hang the clothes on the line.
- b) I found a £ 5 note.
- c) This surface is not level.
- d) We go up the drive to our house.
- e) Don't smoke. There is already a lot of smoke in this room.

MAGALI SANCHES DURAN*
magali.duran@uol.com.br

*Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto
Doutoranda em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto

QUEM NÃO TEM CÃO CAÇA COM GATO: ESTRATÉGIAS DE BUSCA LEXICAL POR TRADUTORES DE FRANCÊS

RESUMO

As estratégias de tradução utilizadas por cinco alunos do último ano do curso Tradutor durante uma atividade autêntica de tradução francês-português são observadas sob o aspecto do uso de dicionários e de outras obras de referência. Os resultados permitem atingir dois objetivos. O primeiro é identificar oportunidades para o ensino do uso do dicionário, com vistas a melhorar as habilidades de consulta da turma de alunos a que pertencem os sujeitos de pesquisa. O segundo é identificar oportunidades para desenvolvimento e aperfeiçoamento de soluções lexicográficas a partir dos problemas enfrentados pelos sujeitos de pesquisa. A análise dos dados corrobora a hipótese de que os dicionários impressos são preteridos pelas novas gerações de tradutores em favor dos dicionários em mídia eletrônica ou digital. Observou-se intenso e diversificado uso do motor de busca *Google*, sugerindo que esse tipo de recurso constitui tanto uma forma de acesso para obras de referência em linha quanto uma obra de referência por si só. Essas duas evidências indicam que o ensino do uso de dicionários poderia expandir-se para "ensino de estratégias de busca lexical", incorporando o ensino de estratégias avançadas de pesquisa no motor de busca. Os resultados apontam também que o conceito de dicionário poderá sofrer mudanças nas próximas décadas, ou incorporando facilidades que hoje se extraem do motor de busca (como frequência de palavras e busca de colocações) ou sendo incorporado em aplicativos de apoio linguístico.

PALAVRAS-CHAVE

Uso do dicionário; estratégias de tradução; metalexigrafia

ABSTRACT

This research study investigated lexical search strategies of five undergraduate students in a translation studies course during an authentic French-Portuguese translation exercise. The objectives were to identify opportunities to teach dictionary use to improve the student participants' skills in using a dictionary, and identify opportunities to develop lexicographic solutions to problems faced by the participants. Data analysis reinforced the hypothesis that users preferred computer dictionaries to paper dictionaries. An intense and diversified use of the search engine *Google* was also noted, indicating it is a way to access online reference tools and is a reference tool itself. These results suggest that teaching dictionary use could be expanded to "teaching lexical search strategies," incorporating the teaching of advanced search strategies such as those in a search engine. Results also suggest that the actual concept of dictionaries will probably change in the following decades, by adding facilities found in search engines (such as word frequency and collocation searches) or being included in linguistic applications.

KEYWORDS

Dictionary use; translation strategies; metalexigraphy

Introdução

As pesquisas sobre o uso dos dicionários começaram a ser feitas a partir do momento em que se reconheceu a importância de conhecer as necessidades do usuário para definir o conteúdo e a forma de organização de uma obra lexicográfica. Essas pesquisas, em sua grande maioria, foram realizadas com indivíduos que já haviam adquirido o hábito de utilizar dicionários impressos quando os dicionários digitais passaram a ser disponibilizados. Esses indivíduos não "desaprenderam" a utilizar os dicionários impressos, apesar de terem aprendido, em maior ou menor grau, a utilizar os novos recursos tecnológicos. A partir dos anos 90, no entanto, as novas gerações já cresceram habituadas a utilizar esses recursos. São jovens que quase não escrevem (a mão), mas digitam muito.

Que diferenças podem ser observadas entre o comportamento dos usuários que formaram seus hábitos de consulta a dicionários antes e durante esse período de transição (de obras impressas para obras digitais) e o comportamento de usuários que estão formando seus hábitos de consulta atualmente?

Obviamente os usuários de dicionários não constituem uma categoria homogênea e investigar esse tipo de questão requer muitas pesquisas que distingam: sua nacionalidade; sua idade; sua atividade (estudantes, tradutores ou outros profissionais); sua condição em relação à língua falada no ambiente em que vive (nativo ou estrangeiro) etc. Só os resultados de um conjunto de pesquisas desse tipo é que poderiam amparar a discussão de novas diretrizes para a lexicografia.

Embora o resultado das pesquisas desse tipo (sobre o uso e sobre os usuários de dicionários) possa interessar ao mercado editorial e ao mercado de provedores de soluções em meio eletrônico, até o momento a grande maioria delas foi realizada por iniciativa do meio acadêmico, sem patrocínio de outras instituições. Talvez por isso a realização dessas pesquisas esteja altamente associada a sujeitos alunos. Pesquisas sobre o uso do dicionário por tradutores, por exemplo, não foram realizadas com tradutores profissionais, mas sim com estudantes de tradução. Schneider (2001) já apontava esse fato ao resenhar uma obra que reúne oito pesquisas empíricas sobre o uso do dicionário. Diz o autor:

Convenhamos, não é fácil persuadir tradutores profissionais a se envolverem em experimentos acadêmicos, por razões óbvias. É mais fácil trabalhar com populações de estudantes, em condições controladas, particularmente com seus próprios alunos. [SCHNEIDER, 2001, p. 158, tradução minha].

No entanto, nem todos os autores justificam a escolha de alunos como sujeitos de pesquisa por sua conveniência. Ao investigar o uso de dicionários por tradutores com o uso de protocolos verbais, Krings, por exemplo, argumentava que "tradutores profissionais não seriam sujeitos ideais de tal pesquisa porque neles os processos tradutórios estão automatizados e dificilmente seriam verbalizados" (KRINGS, 1986, apud WELKER, 2006, p. 173).

Na verdade, como quase sempre não dispõem de muitos recursos para financiar suas pesquisas, os metalexicógrafos identificam no meio acadêmico que frequentam as oportunidades de coletar dados. Nesses casos, o desenho da pesquisa tem que adequar-se à oportunidade de coleta de dados.

Uma oportunidade para investigar essa questão com um tipo específico de usuário surgiu por ocasião da realização do estágio de docência em meu curso de doutorado. Trata-se de alunos brasileiros do último ano do curso de formação de tradutores de língua francesa, ou seja, tradutores de francês pré-serviço em ambiente onde o usuário é nativo e a língua francesa é estrangeira. A faixa etária desses sujeitos de pesquisa é de 20 a 22 anos e, portanto, eles são contemporâneos das mudanças tecnológicas introduzidas pela internet.

A proposta que fiz para o estágio de docência na disciplina de Prática de Tradução previa originalmente o registro de protocolos verbais durante as atividades de tradução dos alunos, no molde aplicados por Atkins e Varantola (1997). A forma proposta não foi aceita na íntegra, pois implicava solicitar aos alunos que formassem pares e, enquanto um atuasse como tradutor, o outro preencheria uma planilha onde seriam anotadas de forma estruturada as ações e os comentários do tradutor. Como o preenchimento da planilha não era atividade prevista na disciplina, estaríamos desvirtuando o programa. Sendo assim, dispus-me a desempenhar o papel de observador e preencher as planilhas. Isso só foi possível porque a atividade é assíncrona (feita extra-classe, individualmente, no período que cada um tem disponível).

A classe é composta de onze alunos e a disciplina Prática de Tradução lhes propôs a tradução do manual de um aplicativo encomendada por um cliente externo. Por isso, considero a oportunidade uma situação autêntica de tradução, o que me pareceu uma vantagem se comparada à opção de criar uma situação artificial para fins de coleta de dados. Cada aluno traduziu um trecho do referido manual e, como decorrência, uniformizou-se a variável gênero textual, ou seja, as dificuldades apresentadas pelo texto de origem foram muito semelhantes. No entanto, dos onze alunos regulares da disciplina, apenas cinco concordaram em participar do processo de pesquisa. Cada aluno foi acompanhado por um período de duas horas.

Além da observação desses cinco alunos, uma outra experiência inspirou minhas reflexões. Tão logo concluída a tradução prevista na disciplina Prática de Tradução, toda a classe se reuniu para discutir as dúvidas e produzir um glossário de termos técnicos. Esse glossário foi enviado ao docente responsável pela disciplina e ele, por sua vez, enviou-o a mim. Após realizar minhas próprias pesquisas, devolvi o glossário com minhas contribuições e o docente responsável pela disciplina submeteu-o, então, ao cliente externo que encomendara a tradução. O cliente ratificou a maioria das traduções sugeridas, realizou algumas alterações e a versão final foi enviada a todos participantes do processo.

A experiência de observação dos alunos aliada à experiência de pesquisa dos termos que apresentaram dificuldade a eles forneceram-me subsídios para

elaborar quatro aulas sobre o uso do dicionário. Essas aulas foram dadas à classe de onze alunos da qual fazem parte os sujeitos da pesquisa e com elas concluí as atividades previstas em meu estágio de docência.

Os resultados aqui relatados, no entanto, dizem respeito especificamente à análise dos protocolos gerados durante a observação dos sujeitos de pesquisa em atividade de tradução.

Metodologia

Desde o início eu soube que a oportunidade de coleta de dados que tinha era adequada a uma pesquisa qualitativa e não a uma pesquisa quantitativa, pois cinco alunos é um número muito pequeno para uma amostra. Assim, meu propósito não era levantar características que pudessem ser generalizadas para todo o público de tradutores, mas sim investigar o processo de tradução em profundidade a fim de descobrir comportamentos que normalmente não são revelados em pesquisas quantitativas. Por isso, optei pelo uso do protocolo verbal, técnica introspectiva muito utilizada em pesquisas qualitativas [v. WALLACE, 1998].

Observa-se que o uso de protocolos verbais e escritos tem sido adotado cada vez mais em pesquisas sobre o uso do dicionário [WELKER, 2006, cita cerca de vinte delas]. A técnica mostra-se adequada para levantar dados dificilmente revelados por outros métodos.

A primeira pesquisa que investigou o uso de dicionários por meio de protocolo verbal é de Ard (1982). Segundo esse autor, o protocolo verbal é "um método de descobrir os processos cognitivos que um sujeito utiliza para realizar uma tarefa" (ARD, 1982, p. 14). Em sua análise, Ard pôde confrontar três fontes de dados: as imagens, os sons e a própria redação resultante, pois além de gravar as falas do "pensar em voz alta", posicionou uma câmera logo acima da cabeça do sujeito pesquisado, mostrando a folha de papel em que era feita a tarefa.

Variações de protocolos verbais foram adotadas por outros pesquisadores para pesquisar o uso de dicionários na tradução, como Krings (1986, apud WELKER, 2006) e Atkins e Varantola (1997).

No Brasil, os trabalhos de Höfling (2006) e Gomes (2006) investigaram, respectivamente, o uso dos dicionários na atividade de leitura e de redação. Na segunda fase de sua pesquisa, Höfling utilizou protocolos verbais com dez sujeitos de pesquisa (na primeira fase, com 197 informantes, aplicou um questionário). Gomes, por sua vez, utilizou protocolos escritos por 48 sujeitos de pesquisa.

Podemos depreender do relato da pesquisa de Höfling (2006) que é grande o esforço exigido para transcrição dos protocolos verbais. Como o prazo de minha pesquisa era mais curto, considerei mais adequado utilizar o mesmo instrumento adotado por Atkins e Varantola (1997). As autoras desenvolveram uma planilha na qual as manifestações orais dos sujeitos de pesquisa eram registradas por um observador. Essa planilha foi testada e aperfeiçoada pelas autoras antes de

sua aplicação em um grupo de 103 sujeitos de pesquisa.

Atkins e Varantola (1997) propuseram aos sujeitos de pesquisa que formassem pares e deram instruções para que um deles escolhesse uma atividade (versão ou tradução) e descrevesse em voz alta suas ações e todos os pensamentos que lhe ocorressem durante as consultas a dicionários. Simultaneamente, o outro participante registraria essas ações e pensamentos verbalizados dentro da planilha fornecida, atuando, assim, como um observador/registrator. As planilhas preenchidas constituíram, assim, protocolos (registros) do raciocínio oralmente expresso pelos sujeitos de pesquisa durante o processo observado. A vantagem, nesse caso, é eliminar a necessidade de transcrição das falas e a desvantagem é que o observador e a planilha funcionam como "filtros" do que o sujeito da pesquisa diz, podendo deturpar ou omitir dados relevantes.

Em minha pesquisa, ao aplicar o primeiro protocolo, o modelo de planilha copiado de Atkins e Varantola mostrou-se totalmente inadequado, pois a pesquisa realizada em 1997 baseou-se no uso de dicionários impressos e as traduções foram todas manuscritas. O tempo exigido para manuseio dos dicionários impressos pelo sujeito de pesquisa era compatível com o tempo necessário para que o observador preenchesse os campos da planilha.

No meu caso, não determinei quais dicionários deveriam ser utilizados e pedi aos sujeitos de pesquisa que escolhessem inclusive o local em que eu poderia acompanhar suas atividades de tradução. Todos, com exceção de um, marcaram o encontro em locais onde podiam contar com um computador e acesso à Internet. A exceção foi um aluno que marcou o encontro na biblioteca e me esperou com quatro dicionários impressos sobre a mesa. Durante quinze minutos tentou manusear os dicionários para buscar palavras desconhecidas, sem iniciar a tradução propriamente dita. Comentários do tipo "se estivesse no micro..." e "sem o Google não dá para..." levaram-me a perguntar-lhe se não se sentia à vontade. Esse aluno me disse que costuma traduzir direto no editor de textos e que havia escolhido a biblioteca e os dicionários impressos porque presumira que esse seria meu interesse. Dei-lhe, então, a opção de mudarmos para um local onde pudesse conduzir a atividade em condições semelhantes às que ele tem quando está fora de observação. Ele escolheu o mesmo tipo de ambiente dos demais sujeitos de pesquisa.

A quantidade de recursos utilizados pelos cinco sujeitos de pesquisa para as buscas do léxico adequado à tradução variou muito, mas nenhum utilizou menos de quatro. Não fiz nenhuma restrição quanto ao tipo de obra que seria utilizada nas consultas. Na pesquisa de Atkins e Varantola (1997), cada sujeito de pesquisa podia escolher quantos dicionários quisesse, desde que fossem impressos.

A velocidade com que os sujeitos de pesquisa passavam de um recurso para outro também dificultou as anotações. Pode-se, no caso de atividades mediadas por computador, adotar a gravação dos *logs*, ou seja, registrar todas as ações tomadas, do tipo "abrir programa X, abrir janela X, abrir hipertexto X" com suas respectivas seqüências e durações. Pode-se também utilizar programas que

filmam todas as telas "navegadas" pelo usuário (por exemplo, o *Camtasia*¹ ou similares) ou simplesmente habilitar o *Google History*, também chamado de "histórico da web", recurso que oferece tanto a memória das telas navegadas quanto estatísticas a respeito do uso da internet. Esses recursos podem revelar o percurso do sujeito de pesquisa e a duração de cada ponto de parada, mas não revelam as razões que levaram esse sujeito a fazer tal percurso nem o resultado das buscas. Em minha pesquisa, o uso dessas alternativas poderia ter sido interessante para triangular os dados, minimizando o risco de eu ter falhado ao registrar alguma passagem. Como não dispunha de recursos para o registro de *logs* nem de máquinas com memória suficiente para execução da filmagem de telas, não agreguei esse diferencial a minha pesquisa, mas fica a sugestão para que outros pesquisadores procurem fazê-lo se puderem. Quanto ao *Google History*, soube tardiamente do lançamento desse recurso por meio de reportagem de jornal² (OESP, 30/04/2007).

Após a experiência com o primeiro sujeito de pesquisa, alterei completamente o leiaute da planilha para registro das consultas com o objetivo de exigir menos tempo para as anotações e de torná-la compatível com a velocidade das consultas na mídia eletrônica. Separei duas seções: a folha de rosto, única para cada sujeito de pesquisa, que contém a identificação do sujeito e dos recursos consultados e a folha de registro das buscas e consultas, que foi reproduzida tantas vezes quanto necessário para registro de todas as consultas do sujeito de pesquisa. Em essência, porém, os dados coletados continuaram os mesmos definidos por Atkins e Varantola (1997).

Nesta pesquisa, portanto, os protocolos verbais foram constituídos pelo preenchimento de planilhas pelo próprio pesquisador. A documentação de cada sujeito de pesquisa, anexo cópia do trecho original e da respectiva tradução realizada. Apesar de ter esses dados, não me detive na análise dos textos traduzidos. As pesquisas sobre o uso do dicionário podem focar o processo do uso ou o produto do uso ou ambos. Nesta pesquisa, apesar de meu foco ser o processo do uso, notei diversas situações em que os sujeitos de pesquisa traduziram inadequadamente alguns itens, pois estavam confiantes de seu significado e, portanto, não sentiram o tipo de dificuldade que deflagraria uma busca lexical. Esse tipo de inadequação lexical, de palavras não consultadas, só poderia ser evidenciado por meio da análise dos textos traduzidos, mas não trataria do uso do dicionário.

Resultados comentados

Dentro desta pesquisa, cada "busca" é um processo iniciado por uma dificuldade de tradução. Esse processo pode conter uma ou mais consultas a obras

1 Software de gravação de telas. Pode ser encontrado em: www.techsmith.com/camtasia.asp

2 www.link.estadiao.com.br/index.cfm?id-conteudo=10787

de referência. Portanto, "busca" contém "consultas". Vejamos a comparação da quantidade de buscas e de consultas de cada sujeito de pesquisa:

Sujeito	Quantidade de Buscas	Quantidade de Consultas	Média de consultas por busca
1	21	48	2,29
2	28	53	1,89
3	15	20	1,33
4	12	26	2,17
5	15	37	2,47
Total	91	184	2,03

Em média cada busca teve duas consultas. Porém essa média diz muito pouco da realidade, pois as buscas originadas pelo desejo de confirmação foram, em sua maioria, constituídas por apenas uma consulta, ao passo que as buscas originadas pelo desconhecimento do significado de um item lexical envolveram três ou mais consultas.

Atribuo as diferenças de quantidade de buscas e consultas dos sujeitos de pesquisa ao fato de ter limitado a observação pelo critério de tempo, o que produziu diferenças também no tamanho dos trechos traduzidos. Os cinco sujeitos adotaram formas diferentes de lidar com o texto original, o que afetou o tempo despendido na tarefa. Um deles imprimiu o texto e o consultava no papel; outro copiava e colava um trecho do arquivo original e, após traduzi-lo, apagava-o e copiava outro; dois dos sujeitos de pesquisa importaram o texto inteiro para o editor de textos, mas consultavam o arquivo original frequentemente, pois a diferença de formato prejudicava alguns caracteres; outro sujeito minimizou a janela do arquivo original, dividindo a tela do computador entre essa janela e a do editor de textos.

Os dicionários impressos foram muito pouco utilizados em relação ao total de consultas a dicionários (9 de 121 consultas - cerca de 4%) e nunca como primeira opção de consulta. Apesar disso, os sujeitos de pesquisa expressaram consideração pela qualidade de algumas obras impressas, em especial pelos dicionários monolíngües de francês. Essa contradição entre opinião expressa e comportamento observado é uma pequena evidência do quanto as pesquisas baseadas na coleta de opiniões podem esconder sobre o verdadeiro comportamento dos usuários.

Reunindo os dados de consultas dos cinco sujeitos de pesquisa, temos o seguinte quadro:

Sujeito	DMLE	DMLM	DB	TOTAL Dicionários	Outros	Total Geral
1	17	03	03	23	25	48
2	02	09	26	37	16	53
3	08	02	10	20	00	20
4	08	04	03	15	11	26
5	00	12	14	26	11	37
Totais	35	30	56	121	63	184

DMLE: dicionários monolíngües de língua estrangeira

DMLM: dicionários monolíngües de língua materna

DB: dicionários bilíngües

Total Dicionários: DMLE + DMLM + DB

Outros: consultas a recursos não lexicográficos, como o Google.

Total Geral: soma de todas as consultas

Observa-se que os dicionários foram a principal fonte de consulta dos sujeitos pesquisados, respondendo por 121 das 184 consultas (66% do total de consultas). Nos 34% de consultas restantes, o principal recurso utilizado foi o Google (cerca de 17% do total de consultas), seguido das consultas a bancos de termos técnicos, glossários, conjugadores de verbos e consultas à versão inglesa do texto a ser traduzido.

A análise da distribuição desses números, porém, mostra-nos que o perfil dos sujeitos de pesquisa varia muito e estudos que utilizassem médias poderiam acobertar totalmente essas diferenças. Vemos desde um sujeito que prioriza o uso do DMLE (sujeito 1) até um sujeito que não utiliza absolutamente esse tipo de dicionário (sujeito 5), apesar de ter levado dois dicionários desse tipo para a atividade, um em CD-ROM e um impresso.

Com relação ao uso do DB, a variação também é grande e alguns sujeitos de pesquisa o utilizam proporcionalmente muito mais que outros.

Nota-se ainda um alto índice de consultas ao DMLM, o que nem sempre é apontado nas pesquisas sobre uso de dicionários na tradução. Isso mostra que atividades criadas exclusivamente para pesquisa poderiam camuflar algumas informações. Normalmente essas atividades têm a preocupação de comparar o uso do DMLE com o uso do DB, nunca observando o uso do DMLM.

Das 121 consultas a dicionários, 56 foram a DBs, 35 a DMLEs e 30 a DMLM. Isso mostra a oportunidade de desenvolver uma obra em CD-ROM ou em linha

que reúna um dicionário de cada tipo e permita *links* entre eles. Isso facilitaria as consultas, pois evitaria que os usuários tivessem que digitar o item a ser consultado na janela de busca de cada um dos dicionários individualmente.

Estratégias de Busca

Dada uma dificuldade, o tradutor tem que adotar uma estratégia de busca, que envolve uma série de decisões. Uma das decisões é quanto à sequência das consultas: onde procurar primeiro e onde procurar em seguida se a consulta anterior não apresentou resultado satisfatório. Outra decisão é quanto ao momento de encerrar a busca, pois nem sempre é simples avaliar se a solução encontrada é satisfatória. Pode ocorrer, aliás, de o tradutor encontrar a solução adequada, mas não estar confiante disto ou, ao contrário, adotar uma solução pouco adequada, mas estar confiante de que é a mais adequada.

Aparentemente, as diferenças de estratégias utilizadas devem-se ao hábito e às preferências pessoais de cada sujeito de pesquisa. Não acredito que se possa atribuir as diferenças de estratégias à instrução que esses sujeitos receberam, pois todos pertencem a uma mesma turma de alunos que estudam juntos há quatro anos.

Os sujeitos de pesquisa apresentaram variação em seus próprios comportamentos, adotando diferentes estratégias de busca, sem nenhuma correlação aparente com o tipo de dificuldade. A alternância de estratégias nos próprios sujeitos de pesquisa sugere que seu comportamento ainda não tem um padrão e possivelmente eles estão testando diversos caminhos para obter seus resultados. O tipo de obra mais utilizado como primeiro recurso de consulta foi:

Sujeito 1: DMLE (17 de 48 consultas)

Sujeito 2: DB (26 de 53 consultas)

Sujeito 3: DB (10 de 20 consultas)

Sujeito 4: Google (9 de 26)

Sujeito 5: DB (14 de 37 consultas)

No entanto, essas preferências pessoais parecem não ter influenciado os resultados obtidos. Pelo que pude observar durante a atividade, as dificuldades de língua puderam ser solucionadas satisfatoriamente tanto por meio da estratégia que utiliza primeiro o DMLE para verificar o significado e para tentar inferir um equivalente, quanto pela estratégia que começa pela utilização do DB e, a partir dos equivalentes, apresenta a tentativa de inferir o significado.

Os cinco sujeitos de pesquisa têm um bom conhecimento de francês e quase sempre os itens cujo significado desconheciam totalmente eram pouco frequentes ou eram termos técnicos.

A falta de confiança nos DBs foi a justificativa apresentada pelo sujeito 1 para

suas estratégias de procurar o significado no DMLE e tentar inferir um equivalente em português sem auxílio de dicionário. Apenas quando não conseguiu, consultava o DB (consultou-o três vezes dentro de um total de 48 consultas). Quando conseguia um equivalente, mas não tinha certeza, procurava pela existência do item no DMLM e/ou no Google, para verificar se o sentido era o mesmo que em francês.

No extremo oposto está o sujeito 2, que utilizou muito mais o DB que os demais sujeitos de pesquisa (26 das 56 consultas a DBs foram dele).

O DMLE foi utilizado, sobretudo, para tentar entender o sentido e o DB, para obter um equivalente em português.

O DMLM foi utilizado para verificar a existência e o sentido de itens lexicais obtidos por meio de traduções literais inferidas. Ele também foi muito consultado para a pesquisa de sinônimos dos equivalentes inferidos ou obtidos por meio do DB. Por exemplo, diante da expressão *grâce à*, o sujeito 2 ficou em dúvida, pois a conhecia no sentido de *graças a*, o que não se adequava muito ao contexto. Consultou o DMLE e confirmou o sentido. Consultou então a expressão *graças a* no DMLM e satisfez-se ao encontrar um sinônimo que se adequou ao contexto: *com o auxílio de*.

O Google foi utilizado para tentar inferir o sentido dos itens a partir de seus contextos de uso, verificar a frequência da co-ocorrência de uma determinada sequência de itens lexicais (para ver se era expressão/colocação ou não) e para verificar a existência, no contexto adequado, de um item lexical em português inferido por meio de uma tradução literal.

Classificação das buscas por tipo de resultado

É possível distinguir dois momentos do processo tradutório: o de entender o sentido e o de escolher um equivalente. Com relação aos itens lexicais desconhecidos, quatro situações ocorreram:

- A. O sujeito de pesquisa encontrou o significado e conseguiu um equivalente para a tradução;
- B. O sujeito de pesquisa não encontrou o significado nem conseguiu um equivalente;
- C. O sujeito de pesquisa não encontrou o significado, mas conseguiu um provável equivalente;
- D. O sujeito de pesquisa encontrou o significado, mas não conseguiu um equivalente.

A situação A ocorreu tanto por meio da consulta ao DMLE quanto ao DB. Em algumas buscas, os sujeitos de pesquisa utilizaram o DMLE para obter o significado e inferiram o equivalente. O sujeito 3, por exemplo, procurou o item *doubton* no DMLE e entendeu o significado. Inferiu, então, que o equivalente deveria ser algo como *repetição*, tradução que foi adotada. Posteriormente à confecção do glossário, o item foi substituído pelo termo *redundância*, mais adequado ao

contexto, porém semanticamente relacionado ao item já inferido pelo sujeito de pesquisa.

Em outras buscas também enquadráveis na situação A, os sujeitos de pesquisa utilizaram o DB para obter equivalentes em português e inferiram o significado a partir deles. Por exemplo: o sujeito 2 procurou o item lexical *accollades* no DB e encontrou o equivalente *abraço*. Em seguida consultou um banco de termos técnicos na direção francês-português (de Portugal) e encontrou o equivalente *chavetas*. Com as pistas dos resultados das duas consultas e do contexto, inferiu que se tratava do sinal gráfico *chaves* ("{ }").

Finalmente, em algumas buscas os sujeitos de pesquisa utilizaram tanto o DMLE quanto o DB, pois não conseguiram fazer inferências. Exemplo: o sujeito 3 procurou o item lexical *patron* no DB, mas não confiou na adequação dos equivalentes sugeridos. Consultou então o DMLE e, ao final da leitura do verbete, encontrou nota dizendo que *patron* é a tradução sugerida para o termo inglês *pattern* e que significa *modelo*. A partir dessa informação o sujeito 3 optou pela tradução *modelo*, que se confirmou adequada ao contexto.

A situação B, ou seja, aquela em que o sujeito de pesquisa não conseguiu obter nem o significado nem um equivalente, pode ser ilustrada com o item lexical *défaut* e a expressão *par défaut* que apresentava dificuldade para todos os sujeitos, pois eram frequentes no texto que estava sendo traduzido. Diversas estratégias de consulta foram utilizadas, mas os sujeitos não obtiveram um resultado satisfatório. No sentido comum, *défaut* significa *falta*, *falta*. Mas como termo na área de programação é empregado ora como advérbio (*par défaut*), ora como adjetivo ou substantivo (*défaut*). Admite diferentes traduções, dependendo do contexto, mas o sentido é de algo que foi pré-definido e que o programa assume na falta de outra definição. Em português é muito utilizado o termo em inglês *default* quando se trata de substantivo e adjetivo. Já a expressão *par défaut* poderia ser traduzida como *por definição*.

A situação C, aquela em que o sujeito de pesquisa não entendeu o significado, mas obteve um equivalente, pode ser ilustrada pela busca ao item *modularité* feita pelo sujeito 5. A primeira consulta do sujeito 5 foi ao DMLM, para ver se a tradução literal *modularidade* existia em português. O item não foi encontrado no dicionário consultado. Tentou, então, três DBs diferentes e nenhum trazia a entrada *modularité*. Pesquisou, então, no *Google*, a palavra-chave *modularidade* e obteve 47.500 ocorrências, o que lhe deu segurança para optar por esse equivalente, muito embora não tivesse certeza de seu significado.

Por fim, a situação D, ou seja, quando o sujeito de pesquisa entendeu o significado, mas não encontrou um equivalente adequado, pode ser exemplificada pela busca do sujeito 2 à expressão *retour à la ligne*. O sujeito 2 não encontrou a expressão no DMLE nem no DB, nem obteve ocorrências da tradução literal *retorno à linha* no *Google*. Apesar disso, conseguiu inferir o significado da expressão pelo significado dos itens que a compoem e pelo contexto. No entanto, não conhecia nenhuma expressão equivalente em português. Na verdade, a ex-

pressão em português é *quebra de linha*, bem diferente do que seria uma tradução literal.

Habilidades de consulta a dicionários

Foi natural que, durante a observação do processo, eu notasse diferentes graus de habilidade na utilização tanto dos recursos lexicográficos quanto dos recursos tecnológicos, o que salienta a necessidade de proporcionarmos aos estudantes de tradução instruções sobre o uso de ambos os recursos. A necessidade do ensino do uso do dicionário, aliás, tem sido apontada por várias pesquisas que analisaram o uso do dicionário (v. ATKINS; VARANTOLA, 1997; LAUFER; HADAR, 1997; CHRISTIANSON, 1997; NESI; HAILL, 2002; HÖFLING, 2006; GOMES, 2006). As habilidades de uso dos dicionários foram elencadas por Nesi (1999), mas não constituem um bom roteiro para planejar o ensino do uso. Em minha experiência muitas dessas habilidades já eram dominadas pelos sujeitos de pesquisa e, se fossem contempladas, teriam tornado as aulas monótonas, pois não despertariam interesse. Em minha opinião, seria desejável fazer uma avaliação diagnóstica sobre o nível de habilidades de consulta de uma turma de alunos antes de programar aulas sobre o ensino de uso de dicionários.

Os sujeitos desta pesquisa não apresentaram dificuldade em procurar formas lematizadas, palavras compostas, expressões e colocações, o que normalmente apontaria a necessidade do ensino do uso do dicionário. Isso era previsível, pois habilidades básicas de consulta a dicionários são esperadas de tradutores prestes a se formarem.

Pelo tempo gasto na leitura aos verbetes longos, deduzi que, na maioria das vezes, os sujeitos de pesquisa não leram os verbetes inteiros. Mais de um sujeito, aliás, ressaltou a importância do dicionário digital apresentar a opção de pesquisa automática dentro do verbete, muito utilizada nas consultas a verbetes muito longos.

Não ocorreu nenhuma situação em que o sujeito de pesquisa tivesse encontrado o item lexical no dicionário, mas não tivesse entendido o conteúdo do verbete.

Maiores problemas ocorreram com relação aos termos técnicos. Tanto os dicionários bilíngües quanto os monolíngües não ajudaram a entender o significado e a traduzir os termos técnicos. Isso era de se esperar, pois essa não é a finalidade deles. No entanto, os cinco sujeitos tentaram encontrá-los tanto nos DMLEs quanto nos DBs. Observa-se aí a dificuldade da identificação de termos técnicos. Como os sujeitos de pesquisa não conheciam o assunto que estavam traduzindo, ficavam na dúvida se o item lexical estava ou não sendo empregado com sentido técnico. Algumas buscas a itens lexicais muito frequentes como *banque* e *boîte*, cujo significado os sujeitos conheciam, foram deflagradas pela suspeita de que pudessem constituir um termo técnico naquele contexto específico. Essas suspeitas foram infundadas em alguns casos, mas em outros não.

Críticas ao aparato lexicográfico bilingüe português-francês

Todos os sujeitos de pesquisa expressaram seu descontentamento com os dicionários bilingües francês-português em linha e em CD-ROM disponíveis. Na verdade, todos os DBs utilizados durante as atividades observadas são dicionários escolares e tanto os sujeitos pesquisados quanto eu desconhecemos DBs francês-português que possam amparar satisfatoriamente todas as necessidades da atividade tradutória. As tentativas de superar as deficiências dos DBs de francês-português provavelmente interferem nas estratégias de busca. Assim, um outro par de línguas, como o inglês-português, por contar com um maior aparato lexicográfico bilingüe, talvez apresente estratégias de busca mais apoiadas nos DBs.

Em mais de uma ocasião, com mais de um sujeito de pesquisa, ocorreu, aliás, a estratégia de consultar o item lexical em inglês para tentar chegar ao equivalente em português, uma vez que recursos lexicográficos francês-inglês e inglês-português são mais numerosos e diversificados que recursos francês-português. Por exemplo: o sujeito 1 procurou o item lexical *plantage* no DMLE e não encontrou nenhum sentido adequado ao contexto. Em seguida consultou a tradução literal – *plantagem*, em busca de algum sinônimo que pudesse dar pistas do significado, mas também não foi bem sucedido. Em seguida, consultou a versão inglesa para o texto francês que estava traduzindo e obteve o item lexical *crash*. Consultou então um banco de termos técnicos na direção inglês-português e encontrou vários equivalentes, optando finalmente pela tradução falha.

A situação descrita lembra-nos o prefácio do dicionário francês-latim de Robert-Estienne, na edição de 1564: “útil a todos que desejem entender a língua francesa” [apud MARELLO, 1996, p. 31]. Naquela época não havia outros DBs de francês e como o latim era uma língua internacionalmente conhecida, representava uma forma de acesso aos significados do léxico francês. Hoje, no lugar do latim, vemos o inglês intermediando relações entre outros idiomas na falta de dicionários bilingües adequados.

Estratégias de tradução com o motor de busca Google

Uma das estratégias de tradução com uso do Google foi a seguinte: o sujeito 1 verificou a frequência de *grammaire de sortie*, pois uma frequência alta indicaria a lexicalização dessa combinação de itens lexicais. Obteve como resultado oito ocorrências. Fez a mesma consulta com a tradução literal *gramática de saída* e obteve apenas uma ocorrência. Como a frequência foi baixa em ambos os idiomas, o sujeito 1 presumiu que não se tratava de uma combinação lexicalizada em nenhum dos idiomas e optou por adotar a tradução literal *gramática de saída*, o que se confirmou posteriormente uma solução correta.

A comparação da frequência de um mesmo item lexical nos dois idiomas foi estratégia utilizada pelos sujeitos 1, 2, 4 e 5. Frequências altas nos dois idiomas

quanto o candidato a equivalente (português) eram de uso corrente.

Quando a frequência do item original era muito superior à frequência do candidato a equivalente, os sujeitos de pesquisa ficavam desconfiados de que poderia haver um outro equivalente mais adequado e prosseguiram a busca. Por exemplo, o verbo francês *engendrer* é muito mais freqüente que o português *engendrar* e por isso o sujeito 1 optou pelo equivalente *criar*.

A frequência baixa nos dois idiomas, por sua vez, foi interpretada como um indicativo de que o item não é de uso corrente em nenhum dos idiomas.

O Google foi usado também como concordanciador³, pois apenas a página de resultados já era suficiente para o sujeito de pesquisa verificar características de uso do item lexical pesquisado, principalmente no que diz respeito ao gênero dos textos que o empregavam.

Observando os diferentes usos que os sujeitos de pesquisa fizeram do motor de busca, pode-se perguntar: o que o Google tem que os dicionários não têm?

- Indicador de frequência lexical na internet (tomada como *corpus*);
- Exibidor de contextos em que aparece o item lexical na internet;
- Atualização constante, com incorporação de novos termos.

E o que os dicionários têm e o Google não tem?

- Informações organizadas sobre o léxico;
- Confiabilidade conferida pela autoria (autoridade);
- Informações bilingües (o tradutor automático do Google é rudimentar).

Essas evidências apontam a necessidade de os tradutores contarem com um ambiente suporte para traduções de LE para LM que combine as características dos dicionários às características do Google, com alguns incrementos:

- Corpus paralelo (textos originais e respectivas traduções) etiquetado por gênero e área de conhecimento;
- Ferramenta de exploração de corpus que apresente:
 - frequência tanto de itens lexicais isolados quanto de seqüências lexicais;
 - exibição dos contextos em que a expressão de busca ocorre;
- Definições de itens lexicais com marcas de uso;
- Sinônimos em língua estrangeira para cada sentido do item lexical;
- Equivalentes sugeridos, acompanhados de exemplos de uso e marcas de uso;

³ *Concordanciador* é um programa para pesquisa em corpora textuais. A partir de uma palavra-chave de busca, ele seleciona os contextos em que essa palavra ocorre e exibe os resultados (chamados de *concordâncias*) na forma definida pelo pesquisador. O termo vem do inglês *concordancing*. Veja alguns concordanciadores em: www.msknet.org/~peterr-s/concordancing/.

- Colocações nas duas línguas;
- Sinónimos dos equivalentes em português;
- Termos com respectivas definições e equivalentes por área de conhecimento.

Considerações finais

A pesquisa sobre o uso de dicionários por tradutores pré-serviço de língua francesa evidenciou que o aparato lexicográfico bilingüe francês-português é insuficiente para a atividade tradutória. Para superar essa deficiência, os tradutores desenvolveram diversas estratégias que, em sua maioria, utilizam recursos da internet e, sobretudo, do motor de busca *Google*. Esses resultados sugerem que o novo paradigma tecnológico está tornando obsoletos os dicionários impressos.

Além disso, ficou evidente que o *Google* representa para os sujeitos pesquisados um dos recursos de consulta mais importantes, o que nos induz a incluí-lo dentro da categoria "obras de referência". Uma vez aceita essa premissa, os cursos de formação de tradutores poderiam dar instruções não apenas sobre o uso do dicionário, mas também sobre as diversas opções de consulta avançada do *Google* e sobre como utilizá-las em estratégias de tradução (dentro os sujeitos pesquisados, embora tenham demonstrado diferentes habilidades no uso dos recursos informáticos, nenhum utilizou o recurso de pesquisa avançada do *Google*).

O tipo de uso que os sujeitos de pesquisa fizeram do *Google* apontam que:

- Na tradução, a consulta a *corpora* é complementar à consulta ao dicionário, conforme argumentam Tagnin (2002) e Varantola (2002);
 - A semântica de rede⁴ precisaria avançar para que os tradutores pudessem refinar o uso dos documentos disponíveis na internet como *corpus*;
 - Alternativamente ao uso da internet como *corpus*, poderia ser construído e disponibilizado um *corpus* paralelo (textos originais e suas respectivas traduções) bem estruturado por gênero e por área de conhecimento;
 - Os dicionários impressos estão se tornando obsoletos, principalmente para as novas gerações acostumadas a obter informações com um simples clique do mouse.
- Para os sujeitos de pesquisa, uma necessidade está clara: desenvolver recursos lexicográficos bilingües francês-português e português-francês para serem disponibilizados na internet. No entanto, pergunto-me: a quem poderia interessar financiar tal empreendimento?

Enquanto aguardam as iniciativas, os tradutores usam de criatividade para

encontrar soluções a partir dos recursos que têm a seu alcance. Fazem o que diz o velho ditado: "Quem não tem cão, caça com gato".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARD, Josh. The use of bilingual dictionaries by ESL students while writing. *ITL, Review of Applied Linguistics*, n. 58, p. 1-27, 1982.
- ATKINS, Beryl T. S.; VARANTOLA, Krista. Monitoring dictionary use. *International Journal of Lexicography*, n. 10, v. 1, p. 1-45, 1997.
- CHRISTIANSON, Kiel. Dictionary use by EFL writers: what really happens? *Journal of Second Language Writing*, v. 6, n. 1, p. 23-43, 1997.
- GOMES, Denise. *O uso do dicionário bilingüe na produção escrita em alemão como língua estrangeira*. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- HÖFLING, Camila. *Traçando um perfil de usuários de dicionários - estudantes de Letras com habilitação em língua inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2006.
- LAUFER, Batia; HADAR, Lino. Assessing the effectiveness of monolingual, bilingual and "bilingualised" dictionaries in the comprehension and production of new words. *Modern Language Journal*, Tel-Aviv, n. 81, p. 189-196, 1997.
- MARELLO, Carla. Les différents types de dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, Henry; THOIRON, P. (ed.). *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1996, p. 31-52.
- NESI, Hilary. The specification of dictionary reference skills in higher education. In: HAKTMANN, R. R. K. (ed), *Thematic Network Projects*, Sub-project 9 - Dictionaries - Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999, p. 53-67. Disponível em: <http://www.fu-berlin.de/ele/tnp1/SP9dossier.doc tnp 1 >. Acesso em: 04 jul. 2003.
- NESI, Hilary; HALL, Richard. A study of dictionary use by international students at a British University. *International Journal of Lexicography*, n. 15, v.2, p. 277-305, 2002.
- SCHNEIDER, Klaus P. Book review of: ATKINS, Beryl T. Sue (ed), 1998, Using dictionaries: studies of dictionary use by language learners and translators. *System* 29, p. 149-159, 2001.
- TAGNIN, Stella E. O. Os corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. In: TAGNIN, Stella E. O. (Org.). *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução*, v. 1, n. 9, p. 191-218, 2002.

4 A semântica de rede é uma proposta de atribuir significados da internet e, assim, interligar esses conteúdos pelo significado e não apenas pelas palavras-chaves.

VARANTOIA, Krista. Disposable corpora as intelligent tools in translation. In: TAGNINI, Stella. E. O. (Org.). *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução* v. 1, n. 9, p. 171-189, 2002.

WALLACE, Michael J. *Action Research for Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WELKER, Herbert. *O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.

EFEITO DO USO DE DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES NA PRODUÇÃO ESCRITA DE APRENDIZES DE INGLÊS

ADJA BALBINO DE AMORIM BARBIERI DURÃO*
adja@uel.br

REGIANI APARECIDA SANTOS ZACARIAS**
reca.zacarias@gmail.com

* Professora Associada A
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Uel – Universidade Estadual de Londrina
Pós-doutorado na Universidad de Alcalá (Espanha)

** Professora assistente de Língua Inglesa do Departamento de Letras Modernas,
Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis
Doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem,
Universidade Estadual de Londrina